

REFRESCANDO MEMÓRIAS: UMA COLEÇÃO DE LEQUES DO MUSEU JULIO DE CASTILHOS, PORTO ALEGRE, RS

Lilian Santos da Silva Fontanari*

RESUMO

O relato versa sobre a experiência de pesquisa realizada em estágio obrigatório no Museu Julio de Castilhos, Porto Alegre, RS, em 2013, que teve como objeto de estudo uma coleção de seis leques do século XX. Apresenta o artefato como suporte propagador, narrador e perpetuador de histórias, além de sua relação com questões de gênero. Discute a trajetória da doação dos leques, bem como a história de vida da detentora, Isaura Dias de Bittencourt. Conclui que ao perpassar pela biografia de Isaura, os leques e suas facetas: formas, inscrições, de que forma foram usados, e os diversos processos que os constituem, surgiram algumas possibilidades de visualizar o fio condutor que revela essa história.

Palavras-chave: Leques. Isaura Dias de Bittencourt. Museu Julio de Castilhos. Gênero.

Abstract

This essay addresses the research experience achieved during a traineeship at Julio de Castilhos Museum, Porto Alegre, RS, along 2013, whose aim was to study its collection of six of the XX century hand-fans. It presents the hand-fan as a history spreader, narrator and preserver, as well as an object attached to gender issues. It discusses the trajectory of donation of this hand-fan to the museum and of its owner, Isaura Dias de Bittencourt. It concludes that Isaura's biography, its hand-fans and its features: shapes, inscriptions, modes of use and its constituent processes allows to envision the history of which it is a part of.

Keywords: Hand-fans. Isaura Dias de Bittencourt. Julio de Castilhos Museum. Gender.

*Bacharela em Museologia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). E-mail: lilian.ms.rs@gmail.com

REFRESCANDO MEMÓRIAS: UMA COLEÇÃO DE LEQUES DO MUSEU JULIO DE CASTILHOS, PORTO ALEGRE, RS

1. Introdução

O relato tem como intuito apresentar a experiência de pesquisa em estágio obrigatório, no ano de 2013, como pré-requisito do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O objeto deste estudo foi uma coleção de seis leques, pertencentes à Isaura Dias de Bittencourt: mulher, negra que pertenceu à camada abastada da sociedade sul-riograndense no início do século XX. O tema da pesquisa foi sugestão da supervisora do estágio (que na época atuava como pesquisadora do Museu Julio de Castilhos), e muito me agradou, pois em 2012 realizei meu primeiro trabalho sobre leques para uma disciplina do curso e, desde então, tornei-me apreciadora desse objeto.

O método investigativo da pesquisa concentrou-se na história do objeto e no objeto. Pelo prisma do leque – um objeto que nos possibilita compreender diferentes questões, tais como gênero –, foi possível recuperar parte da história de sujeitos, uma vez que os objetos são a materialização da transformação do tempo e são “extensões de nossos corpos¹”. Assim, é nesse campo de relações, entre o artefato e as histórias nele contidas, que o itinerário da pesquisa foi construído.

2. A coleção de leques do MJC

O Museu do Estado, primeiro nome do atual Museu Julio de Castilhos (MJC), foi criado no ano de 1903, por meio do decreto-lei nº 589. Inicialmente, o acervo do Museu era constituído por coleções de mineralogia, botânica, zoologia, obras de arte, artefatos indígenas e objetos históricos. Em 1954, o MJC investe na preservação e conservação de acervos históricos de cunho regional, e, dessa forma, passou a caracterizar-se como um museu histórico.

Conforme o livro tomo do MJC, a coleção de leques foi incorporada ao seu acervo no ano de 1946. Nessa época, o Museu era administrado por Emílio Kemp: médico, jornalista e

¹ GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Revista do PPGAS da UFRGS. v. 11, n. 23, jan.-jun. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n23/a02v1123.pdf>>.

pedagogo. Segundo Nedel (2005), na gestão de Kemp, as ações pedagógicas foram desenvolvidas de maneira intensa, por meio de “visitas guiadas para estudantes e exposições com parte do acervo transferida para as escolas estaduais e particulares”². Nos documentos institucionais criados na gestão de Kemp, não encontramos informações que detalhassem a doação dos leques. Do mesmo modo, nas fichas catalográficas, no Sistema de Informações do Acervo do Museu Nacional de Belas Artes (SIMBA) e no programa gerenciador do banco de dados (DONATO); ferramentas utilizadas pelo Museu para a documentação dos acervos, não havia nada além de informações básicas, tais como: número de ordem, nome do doador, modo de aquisição, material, estado de conservação e descrição histórica sobre o leque.

Os leques de Isaura foram doados por seu irmão Ildefonso da Silva Dias (que foi engenheiro civil, presidente da Caixa de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários; chefe de departamento e diretor substituto da Viação Férrea do Rio Grande do Sul e um dos fundadores da Federação Espírita do Rio Grande do Sul – FERGS). Em pesquisa realizada no livro tomo, constatamos que Ildefonso também doou ao Museu, além dos leques de sua irmã, objetos pessoais de outras mulheres da família. No acervo do MJC, conforme pesquisa institucional realizada por Gabriela Konrath, a coleção de indumentária feminina soma 320 peças, o que equivale a 33% do total de todo o acervo da Instituição. Na pesquisa, Konrath mapeou o número de adereços femininos, sendo que, em se tratando de acessórios, adereços e adornos somam mais de 200 peças.

Isaura Dias de Bittencourt nasceu em 1878, natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, um dos sete filhos de Thomaz da Silva Dias e Josepha Conceição Dias. Casou-se aos 17 anos com Aurélio Viríssimo de Bittencourt³, que na época tinha 46 anos. Foi sua segunda esposa. O casamento ocorreu em cartório, conforme os preceitos da época, sendo o casamento religioso pertencente apenas à esfera da crença. Segundo Pedro (2000, p. 303, 304):

A exigência do casamento civil, além de figurar na constituição e ser divulgada pelos jornais, era cobrada das camadas populares, num claro descompasso com a vivência dos mais pobres. Em Porto Alegre no final do séc. XIX e início do

² NEDEL, Letícia Borges. Breviário de um museu mutante. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 87-112, jan/jun 2005.

³ Aurélio Viríssimo de Bittencourt foi jornalista, secretário do governo de Julio de Castilhos e Borges de Medeiros, e também um dos fundadores do Partenon Literário, (sociedade composta entre homens e mulheres que se interessavam por Literatura e Artes em geral) em 1868.

séc. XX, “amasiar-se” envolvia responsabilidades e era considerado como equivalente ao casamento civil pelas camadas populares⁴.

Isaura viveu em uma época que prevalecia a doutrina positivista; homens e mulheres deveriam honrar os “bons costumes”. A doutrina instruía a população a se distanciar de tudo aquilo que fosse profano, além de divulgar instruções para evitar o celibatarismo. Ainda, conforme Pedro, “numa cidade como Porto Alegre, que se industrializava na virada do séc. XIX para o séc. XX, essas recomendações tinham finalidade visível: transformar homens e mulheres em “pais e mães responsáveis.” (op. cit, p. 302). Isaura e Aurélio não tiveram filhos. Aurélio faleceu em 1919, e recebeu uma homenagem do Jornal O Exemplo⁵ (jornalismo vinculado a grupos da elite negra do Sul do País entre o final do século XIX e início do XX), com lamentos de dor pela grande perda de um homem de “inteligência brilhante, sólida e vastamente culta⁶”. Sete anos depois, Isaura falece vítima de tuberculose pulmonar⁷. Seu falecimento, também foi divulgado pelo jornal O Exemplo:

Jornal O Exemplo de 02/01/1926
Nº 1 p. 4
(...)
Viuva Coronel Aurelio de Bittencourt

Enferma há alguns mezes, tendo seu estado se agravado – como varias vezes noticiamos nas ultimas semanas, veio a fallecer, ás primeiras horas da madrugada do dia de Natal, em sua residência, á rua Bento Martins nº 53, a exma sra. dona Isaura Dias de Bittencourt, viuva de nosso saudoso amigo coronel Aurélio Veríssimo de Bittencourt.

[...] Senhora possuidora de excellentes dotes de caracter e de coração, gosava, em nossa sociedade, de muita estima, tanto que, mal foi divulgada, pela manhã de 25, a nova de seu trespasse, encheu-se, de prompto, a casa mortuaria, assim se conservando até a hora do sahimento do feretro, ás 16,30 horas, após ser effectuada a cerimonia de encommendação pelo ritual espirita, officiado ai o coronel Frederico Augusto Gomes da Silva.

[...] Grande numero de pessoas, de todos as classes sociais, assistiram a ambas as ceremonias mortuarias... [sic]

⁴ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: **História das Mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

⁵ Transcrição recebida pela historiadora Jane Rocha Mattos. Gentilmente cedida.

⁶ **Jornal A Federação**. Ano XXXVI, Sábado, 23 de agosto de 1919, Edição n. 198, p. 1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pasta=ano%20191&pesq=1919%20-%20Edi%C3%A7%C3%A3o%200198>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

⁷ Pesquisa realizada no dia 6 de Maio de 2013, no Centro Histórico da Santa Casa. As fontes foram documentos, tais como certidão de óbito, documento referente ao pagamento de jazigo e livro arrendamento de jazigos.

Por meio desta nota de jornal, consideramos a ideia de que, assim como o seu irmão, Isaura também fora praticante da doutrina espírita. Após essa descoberta, procuramos a FEERGS tentando obter informações sobre Isaura. Porém, infelizmente, não havia nada, mas tivemos a oportunidade de conhecer a vida pública de seu irmão, Ildefonso.

Para compreender quem foi Isaura fez-se necessário perpassarmos pela história do leque na tentativa de revelar a sua identidade. Do mesmo modo, tendo como referência o trabalho da historiadora Vânia Carneiro de Carvalho – que aborda o gênero feminino e o sistema doméstico de São Paulo no século XIX e XX –, consideramos relevante levantar reflexões sobre o leque a partir das questões de gênero e com os diferentes papéis exercidos por homens e mulheres na sociedade, tendo como base os estudos da referida autora, pois entendemos que promover tal discussão nos traria profícuos resultados para a pesquisa.

3. Narrativas de um artefato: o leque e suas facetas

O leque, em princípio, foi elaborado com a intenção de abrandar o calor dos dias quentes e, em decorrência disso, transformou-se num adereço e componente da indumentária de algumas sociedades. Quando se fala na origem do leque, encontramos inúmeras interpretações:

Para alguns historiadores, o surgimento do leque está ligado ao surgimento da espécie humana. Desde o início dos tempos o homem utilizou as mãos para mover o ar ao seu redor, conduzindo-o de acordo com seus objetivos para afastar insetos ou atizar a chama do fogo. Com o passar do tempo, folhas de vegetais e penas de aves começaram a ser utilizadas para estas funções. A evolução do leque ao longo da história foi determinada pelas trocas culturais e comerciais entre Oriente e Ocidente, ocorrendo de acordo com as necessidades humanas, que adaptam objetos e materiais a sua utilização⁸.

Em algumas culturas, mulheres adaptaram gestos, formas de manusear o leque para transmitir recados, foi um meio de comunicação: flertes em ambientes sociais entre casais de

⁸ TORINO, Isabel Halfen. **Um leque mandarim do Museu da Baronesa, Pelotas, RS: História, símbolos e circunstâncias de restauro.** Pelotas: Ed. UFPEL, 2012. p.25.

namorados. Tal costume ainda é evidente em determinadas sociedades, o que exige muita cautela, por parte dos usuários, ao manusear o leque, ou então, estará insinuando algo que não deseja.

Tendo em vista as ínfimas informações que tínhamos sobre Isaura, como manobra para se chegar a resultados, agregamos à pesquisa estudos que abordam questão de gênero em torno dos objetos. Vânia Carneiro de Carvalho, em seu livro: *Gênero e Artefato* (2008), nos mostra de que forma os objetos foram instituídos na sociedade, especialmente aqueles relacionados à vida privada, como parte do universo feminino e do masculino. Segundo a autora:

É preciso que se diga ainda que as atribuições de gênero aos objetos funcionam como sentidos imanentes. Tais objetos se tornam emblematicamente sexualizados. Tal imanência, no entanto, deve ser entendida como um resultado *da* prática social, cotidianamente reiterada *pela* prática social, momento em que se atribui o gênero aos objetos⁹.

Da prática social poder-se-ia exemplificar o trabalho exercido pelas donas de casa: saber costurar e organizar o lar era requisito básico no âmbito familiar. No início do século XX, período que marca os primeiros anos do casamento de Isaura, ocorre uma popularização de revistas especializadas em trabalhos manuais desenvolvidos especialmente para mulheres, como o artesanato. Estas revistas tiveram um importante papel na consolidação das formas de gênero atribuídas aos objetos e às funções do lar. Ocorrem daí, meios de orientação da vida privada, de como as mulheres deveriam zelar pelos objetos e por cada espaço da casa, o que reforça a prática social entre as mulheres da sociedade abastada da época, especialmente de São Paulo, modos de manutenção da vida domiciliar.

Assim como os objetos decorativos que podem indicar a condição social e “aburguesamento da casa” (CARVALHO, 2008), têm-se as peças de vestuário, como o leque. Este adereço possui elementos e características do “universo feminino”: flores, plumas e pássaros, tal como no cenário doméstico que reafirmava a feminilidade em seus detalhes. Na vida pública, o leque tornou-se acessório indispensável, uma extensão dos corpos femininos. Se não soubéssemos que Isaura tinha sido casada com Aurélio; dono de um considerável

⁹ CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e artefato**: O sistema doméstico na cultura material. São Paulo. Editora: Universidade de São Paulo: 2008. p. 44.

patrimônio, seus leques seriam um indicativo de sua condição social, tendo em vista que estes são compostos pelos mais nobres materiais.

Para a historiadora Joan Scott (1990, p. 86)¹⁰, a definição de gênero deve partir de duas premissas: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma de dar significado às relações de poder”. Na época em que Isaura viveu, mulheres eram educadas para servir ao lar e os homens vistos como chefes de família, preparados para exercer uma vida profissional que lhes garantisse tal status.

Diferentemente dos objetos femininos que remetem à delicadeza, como o leque, os objetos masculinos tendem a reforçar a robustez, a inteligência e suas vitórias, como uma caneta, utilizada para assinar importantes documentos. Desse modo, com base nos estudos de Carvalho e Scott, supõe-se que tal pensamento difundiu-se pela sociedade porto-alegrense e que Isaura, como dona de casa – é a partir da nota de jornal sobre a morte de Aurélio, referindo-se a ela como esposa dedicada, o que nos faz deduzir que esta seria a sua posição –, não gozava de um status social digno de grandes feitos na vida pública, como de seu esposo.

Acreditamos que as aparições públicas de Isaura davam-se, na maioria das vezes, com Aurélio, e, dessa forma, viveu à sua sombra; dedicando-se ao seu marido. Não há indícios de que Isaura possuía instrução, e o seu papel na vida social teria sido o de coadjuvante, já no âmbito doméstico, embora não tivesse tido filhos, o principal, tendo em vista as ideias Positivistas que, na época, influenciaram governantes e grupos intelectuais. Tais pensamentos, segundo Pedro (2008, p. 298), “[...] identificou a mulher como tendo uma natureza complementar à do homem, apresentando uma diferença que justificava sua educação específica”. No entanto, recomendavam que as mulheres fossem instruídas, pois seriam responsáveis pela criação dos futuros homens. Desse modo, como Isaura não teve filhos, supõe-se que todo o seu empenho voltou-se a Aurélio, mas também a zelar pelo conforto do lar.

Assumindo-a por meio dos leques, entende-se que Isaura foi uma mulher que fez parte de grupos distintos, pelos seus costumes, ideologias, práticas e por utilizar um objeto visto como insígnia de uma vida social coberta de sumptuosidade, com adereços requintados que se refere a símbolos de distinção social e de modernidade. Podemos distinguir dentre os leques de

¹⁰ SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p. 71-99, jul.-dez. 1995

Isaura, aqueles de uso ordinário e aqueles de uso social, devido às informações neles contidas, tais como ornamentos, materiais e técnicas utilizados em sua confecção.

Nº de ordem do acervo	Material	Dimensões
1042	Marfim e cadaço.	Aberto: 37cm x 20cm
1051	Pano, osso e metal.	Aberto: 42cm x 24cm
678	Madrepérola, renda, seda, cordão dourada, linha e metal.	Aberto: 57cm x 30cm
1040	Penas, tartarugas e linha.	Aberto: 68cm x 42cm
1048	Gaze, filó, madeira, e metal.	Aberto: 46cm x 35,5cm
1050	Madeira, pano e metal.	Aberto: 45cm x 24cm

Tabela 1: Tabela descritiva sobre os leques



Imagem 1: Leque 1042
Fonte: Acervo do Museu Julio de Castilhos



Imagem 2: Leque 1051
Fonte: Acervo do Museu Julio de Castilhos



Imagem 3: Leque 678
Fonte: Acervo do Museu Julio de Castilhos



Imagem 4: Leque 1040
Fonte: Acervo do Museu Julio de Castilhos



Imagem 5: 1048
Fonte: Acervo do Museu Julio de Castilhos



Imagem 6: 1050
Fonte: Acervo do Museu Julio de Castilhos

O leque da imagem 1 tem aparência simples, porém é feito com um material nobre: o marfim, que tem um alto custo, tanto comercial quanto ambiental, uma vez que para sua obtenção é necessário o abate de animais, como o elefante. Da mesma forma, os leques das imagens 2 e 4 são compostos por matéria-prima animal, o que, mais uma vez, reforça a condição social de sua detentora. Já o leque da imagem 6 é intrigante, retrata uma sinhazinha prestes a ser carregada por seus escravos em sua cadeirinha de arruar. Sendo Isaura uma mulher negra, que mensagem ela queria passar ao usar este leque? Será que ela o exibiria se a identificasse com essa imagem ou estaria ela se identificando com a mulher a ser carregada? Ou talvez o usava por conta de imposições sociais no modo de se vestir, de se portar em determinados locais que ela frequentava? Há inúmeras hipóteses possíveis de se levantar, no entanto, não existem respostas concretas, mas evidências de que os leques testemunham a presença de Isaura e atuam como dispositivos de recuperação de sua história.

O leque é um objeto que pode ser improvisado por qualquer coisa que sirva para abanar, mas, mesmo assim, há quem prefira um leque a um simples pedaço de papel, fazendo disso, uma distinção social. Se o uso do leque pressupõe mãos desocupadas, podemos dizer que ele perdeu a essência que o fundava, pois a modernidade tratou de transformá-lo em recordação, devido às transformações sociais e tecnológicas trazidas pela revolução industrial, além da inserção das mulheres no mercado de trabalho.

4. Considerações

Em 1946, o engenheiro Ildefonso da Silva Dias doou a coleção de leques de sua irmã, Isaura, ao Museu Julio de Castilhos. Os leques de Isaura Dias de Bittencourt declaram sua presença, feminilidade, estilo e classe social. Por meio de seus objetos, foi possível evocar sua memória e recuperar fragmentos de sua história, como o seu envolvimento com a sociedade espírita. No entanto, a pesquisa nos trouxe mais conhecimento sobre quem foi Ildefonso; figura pública que deixou seu legado intelectual na doutrina espírita, do que propriamente de Isaura – apesar de ter sido companheira de um intelectual conhecido e atuante na esfera política. Além dos leques de Isaura, Ildefonso doou ao MJC pertences de outras mulheres de sua família. Esta iniciativa nos faz pensar que a intenção de Ildefonso foi a de afirmar e preservar a memória da família Silva Dias.

O leque é um objeto aparentemente simples, mas que permite tratar de assuntos complexos. A pesquisa se ateve à análise do/no objeto, além de uma breve abordagem com questões de gênero, no intuito de refletir sobre a relação entre os leques e sua detentora. Para tanto, focalizou-se nas formas de organização dos espaços domésticos pelas mulheres das camadas superiores, do século XX, bem como nos adereços por elas utilizados, o que nos leva a pensar em como se deu a atuação de Isaura em sua vida pública e privada. Sabemos pouco sobre sua vida pública e, menos ainda, sobre a privada. No entanto, por meio da nota de jornal sobre o falecimento de Aurélio, que referindo-se a ela como esposa dedicada, reforça a imagem de uma mulher que zelava pelo lar e pela carreira de seu esposo.

Na modernidade, o uso do leque em meio a tantos objetos tecnológicos se atenua e, em muitos casos, se transforma em recordação. Ainda, outro fator que contribui para a ausência do uso do leque, se insere nas tendências da moda, que dita o quê e como as pessoas podem parecer “mais modernas”. Contudo, nossos objetos são muito mais que bens de consumo, pois nos permitem evocar trajetórias de vida e recuperar memórias, tal como a de nossa protagonista, Isaura Dias de Bittencourt.